

FONTE : DEST

CLASS. : FOR 1066

DATA : 21 01 90

PG. : 24

Cientistas pedem 90 parques na Amazônia

Pesquisadores reunidos no AM querem 60% da Amazônia internacional como área de preservação

LIANA JOHN

Os cientistas reunidos há dez dias no Tropical Hotel, em Manaus, para o Workshop 90, definiram 90 áreas prioritárias para a conservação dos ecossistemas e espécies amazônicas. No total, essas áreas correspondem a cerca de 60% da Amazônia internacional, ou seja, da floresta que se estende pela Bolívia, Brasil, Peru, Colômbia, Equador, Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname. Metade das áreas propostas está em território brasileiro, e uma boa parte coincide com parques ou reservas já existentes.

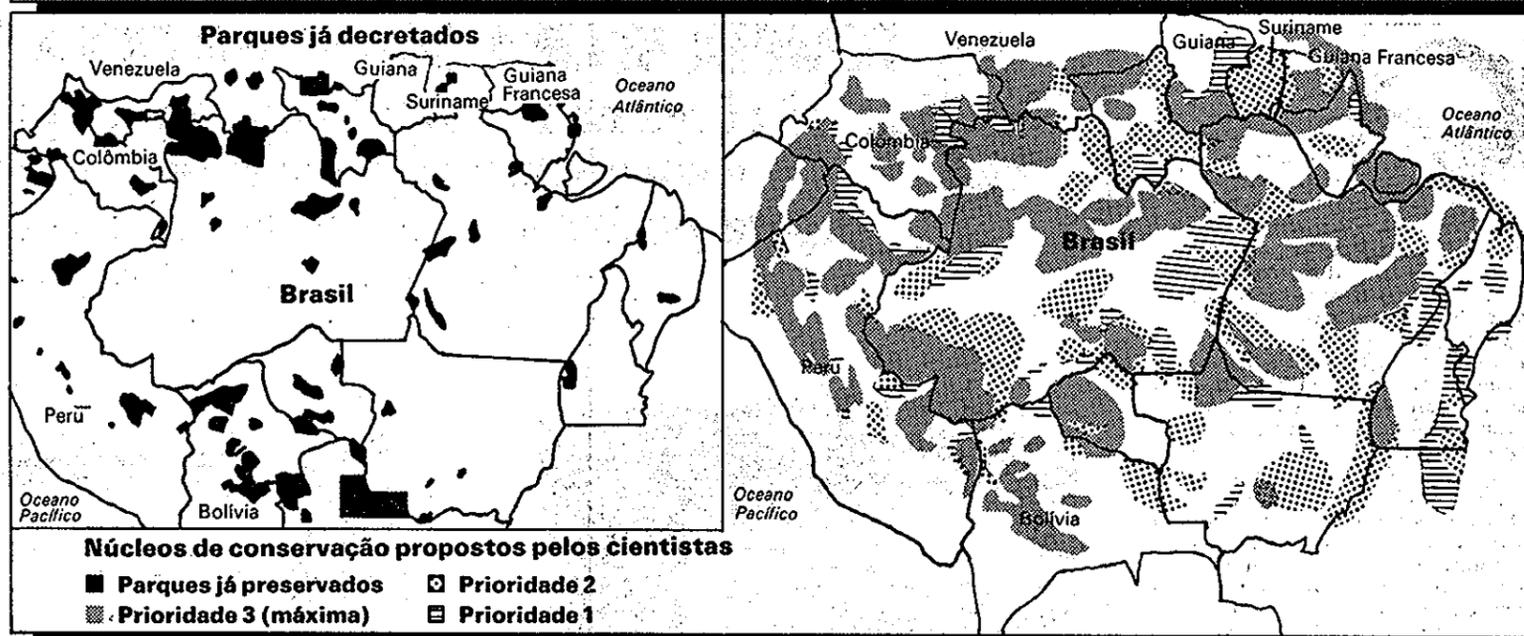
"É importante notar que isso não é uma proposta de congelamento da Amazônia", diz Thomas Lovejoy, do Smithso-

nian Institution, um dos organizadores do evento. "Muitas dessas áreas podem ser transformadas em reservas extrativistas, com aproveitamento racional de recursos, desde que as atividades sejam compatíveis com a preservação".

Na proposta dos cientistas, o principal conceito é que a ecologia ultrapassa fronteiras. De fato, a floresta, os rios e os animais ignoram as divisas entre os nove países amazônicos. Os problemas de preservação também não têm passaporte: hoje a Amazônia se encontra ameaçada, por todos os lados, pela expansão de fronteiras agrícolas, queimadas, garimpos, exploração de madeira, caça predatória e, sobretudo, pela falta de projetos de desenvolvimento condizentes com a realidade do trópico úmido. Para os cientistas, é urgente garantir áreas de conservação representativas para a flora e fauna, antes que boa parte da riqueza nativa se perca.

Limites da preservação

Os cientistas esquadrinharam a Amazônia e definiram áreas que devem ser conservadas



Os países da Amazônia

Como vem sendo tratada a floresta dentro de cada uma das fronteiras em que ela penetra

Peru

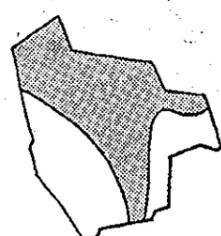


É onde está um dos parques mais bem protegidos da Amazônia: o de Manu, no sudoeste do país. Tem uma boa quantidade de parques decretados, mas muitos só existem no papel.

O país enfrenta um grande crescimento populacional, com fluxo contínuo de colonos das montanhas para a floresta. Calcula-se que 8,5 milhões de hectares estejam desmatados.

No Sul, próximo à fronteira com o Acre, tem cerca de 100 mil garimpeiros. Há propostas de parques binacionais, com o Brasil e com a Colômbia e do parque trinacional, com a Bolívia e Brasil.

Bolívia



O Sistema Nacional de Parques da Bolívia é pouco desenvolvido. Só quatro ou cinco áreas de conservação foram razoavelmente implantadas.

Também enfrenta forte fluxo de colonização, com uso generalizado de queimadas. A extração de madeira é feita sem controle. Garimpeiros de ouro, bolivianos e brasileiros, vêm causando grande impacto nos rios. A caça para comercialização de peles (ariranha, onça) e a captura de animais vivos (araras, papagaios, macacos e sagüis) vem depauperando seriamente a fauna. Com áreas ainda em bom estado, o país propõe três parques binacionais

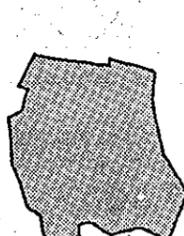
Colômbia



Começa a aumentar o número de parques na Amazônia deste país. Diversos deles foram criados no ano passado e parecem caminhar para uma implantação efetiva. Ainda tem muitas áreas preservadas. O baixo índice de ocupação colabora para a manutenção das condições normais da floresta.

Propõem a conservação de ecossistemas raros, como os salados, lagoas salobras em torno das quais se encontra alta concentração de endemismos — áreas com grande incidência de espécies raras — e florestas de transição.

Suriname



Seguramente é o país amazônico mais organizado em termos de preservação do meio ambiente. Tem parques implantados, planos de manejo e até uma área-piloto de uso múltiplo dos recursos naturais renováveis.

Tem alto padrão econômico e pesquisas de longa data. A pressão de colonos sobre a floresta é baixa e a maior parte da população concentra-se no litoral. Propõem a integração de áreas nas fronteiras, na forma de parques binacionais e incluem os parques já decretados nas áreas internacionais prioritárias.

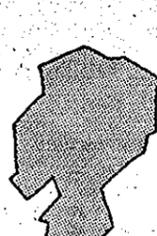
Guiana Francesa



Não tem nenhuma política definida de meio ambiente. O padrão de vida da população é alto, semelhante ao da França, e todos querem morar no litoral. Mesmo assim há uma certa pressão sobre a floresta, sobretudo por parte de imigrantes irregulares dos países caribenhos e do Brasil.

Apesar da insistência dos ambientalistas e da posição pública do presidente François Mitterrand — de achar que o Brasil deveria abrir mão da soberania nacional em benefício da Amazônia — ainda não tem nenhum parque decretado.

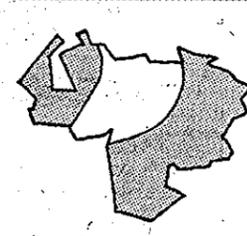
Equador



A maior pressão sobre as áreas naturais está vinculada à prospecção de petróleo. Onde se abrem novos campos petrolíferos seguem-se estradas e atrás das estradas vem a colonização desordenada.

A caça é um problema grave. Em muitas áreas já não há nenhum sinal de macacos de médio e grande porte ou mamíferos maiores, como veados. Vista de cima, a vegetação parece intacta, mas a fauna vem sendo bastante depredada. Foi um dos primeiros países a trocar a dívida externa por investimentos na natureza. Os primeiros financiamentos são esperados para este ano.

Venezuela



Tem um bom sistema de proteção e trabalha com tecnologia moderna — como satélites — para planejar seu uso. Calcula-se apenas 0,5% de desmatamento.

A maior parte das florestas e dos centros de grande diversidade está protegido pela altitude e inacessibilidade. Em muitos tepuis — formações montanhosas características, com o topo plano e uma vegetação rara com alto grau de endemismo — só se chega de helicóptero. O garimpo é um dos problemas mais graves e atinge sobretudo as cabeceiras do rio Orinoco, orgulho nacional. A contaminação por mercúrio é grave.

Brasil



É onde está a maior concentração de floresta tropical úmida da Amazônia internacional. É também onde estão os problemas mais graves e desmatamentos mais acelerados. As queimadas generalizadas tornam o País o quinto emissor mundial de gás carbônico.

Os garimpos contaminam rios de forma incontrolável. A caça é um problema sério, mesmo em áreas extrativistas, onde a vegetação está razoavelmente protegida. Tem um grande número de parques, mas a maioria está no papel. Deverá conter cerca de 50% das áreas propostas para preservação da Amazônia.